

PALAVRA PERPLEXA

Em meio às mudanças no Brasil e no mundo, AO LARGO chega à sua oitava edição, em seu quinto ano de existência, trazendo algumas reflexões sobre o modo como temos feito uso da linguagem, da palavra. Desde a perspectiva de Shakespeare sobre a Roma antiga até a produção artística contemporânea, os artigos dessa edição, escritos em diferentes países, diferentes línguas, nos ajudam a pensar os tempos atuais. Será que ainda há lugar para a palavra como força transformadora de um contexto?

Abrimos a edição com uma entrevista inédita do cineasta palestino Raed Andoni concedida ao nosso colaborador Rodrigo Brum. Seu mais recente documentário, *Ghost Hunting (2017)*, foi premiado no Festival de Berlim do ano passado e é uma reencenação das experiências de diversos ex-prisioneiros que passaram pelo centro de interrogação e detenção de Moskobiya, em Jerusalém, onde o próprio cineasta havia sido interrogado e preso. Raed nos fala do seu trabalho e de suas escolhas.

O primeiro artigo, de Fernanda Medeiros, *Precisamos falar sobre Coriolano (1608) de Shakespeare*, nos lança no coração dessa tragédia social, em que a palavra não se estabelece diante do contraste social intensificado pela fome e pelo ódio. Com uma escrita precisa e elegante, Fernanda nos apresenta a peça – que se passa na Roma do século V A.C., no momento da transição da monarquia para a república – e levanta questões sobre suas implicações políticas e sociais. “*Coriolano* consiste, assim, em uma peça que parte do modelo de tragédia individual para, sem abrir mão desse modelo, oferecer-nos, sobretudo, a tragédia de um projeto de sociedade e de um regime de governo; uma tragédia sem heróis, apenas com vencedores e vencidos.”

Karim-Yassin Goessinger, fundador de um pequeno Instituto de Artes Liberais, *Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences - CILAS*, educador e ativista acadêmico, atuando entre o Cairo e Alexandria, no Egito, nos apresenta o seu projeto de educação que tem como modelo a forma como os pombos se organizam. As características centrais dos pombos que instigaram Karim a

formular seu projeto são três: “pombos relembram, se auto reconhecem e fazem ‘alteração de relógio’ (*clock-shifting*). Dessa forma, eles mantêm posicionamento, auto-reflexão e flexibilidade estrutural.” Pela primeira vez, publicamos um artigo no original e também vertido para o português, com a colaboração de Billy Blanco Jr.

Partindo da constatação de Adorno: “a arte não pode satisfazer o seu conceito”, Martha D’Angelo nos apresenta um ensaio sobre a arte e *suas relações com o real*. Baseada na análise de algumas obras de artistas contemporâneos e críticos de arte, Martha propõe uma reflexão sobre as fronteiras da arte refletidas na própria concepção do real. A mesma dificuldade de definição do que é ou não arte pode ser transposta para os conceitos de real e ficção e, em um sentido mais alargado, naquilo que se convencionou chamar de ‘fake news’. No limite, o artigo aponta para uma questão bastante atual que é a do excesso de realidade produzida de forma virtual e encerra com a pergunta: “Tudo é – virtual ou potencialmente – arte ou a palavra “arte” e “artista” tornaram-se inadequadas?”

Fechando a edição temos o prazer de apresentar uma seleção de extratos do importante livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, no qual consta a frase-título: “Não há palavra verdadeira que não seja práxis.” O recorte aqui apresentado não pretende dar conta da obra desse grande educador, reconhecido no mundo todo, mas antes cercar a questão da palavra como ação. O alcance desse gesto só encontra sua expressão máxima quando gera libertação, o que segundo Freire acontece quando reflexão e ação conseguem se manter em equilíbrio de forças. Esse embate pode criar o ambiente propício à transformação do mundo. Quando a palavra é sacrificada, a ação também é sacrificada. “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.”

Nas palavras de Paulo Freire, “o mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo pronunciar.”